



*Mineração e reestruturação espacial em Moatize (Moçambique)**

Mining and space restructuring in Moatize (Mozambique)

Frédéric Monié

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Maria Daniele Carvalho

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: O século XX e o início do século XXI foram caracterizados por uma intensificação da exploração dos recursos naturais devido ao aumento global da demanda em energia e insumos industriais. Na África austral, os megaprojetos de mineração são tradicionalmente apresentados, por seus promotores, como vetores de crescimento econômico, progresso tecnológico e reestruturação espacial. Em Moçambique, os investimentos de grande porte realizados na prospecção, extração e escoamento do carvão mineral das minas de Moatize (Província de Tete) são legitimados por essa retórica desenvolvimentista. Autoridades moçambicanas, instituições internacionais e grandes corporações construíram a representação de um país transformado em *global player* do mercado mundial dos recursos energéticos no contexto de forte expansão da demanda em *hard-commodities* da década de 2000. Desde 2014, um novo cenário marcado pela queda do preço das matérias primas, por guerras comerciais e pela pandemia de novo Coronavírus abre, no entanto, um período de incertezas para os regimes de acumulação extrativistas.

Palavras-chave: Mineração; Extrativismo; Reestruturação espacial; Tete; Moçambique.

* Pesquisa realizada com o apoio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Abstract. The 20th century and the beginning of the 21st century were characterized by an intensification of the exploitation of natural resources due to the global increase in demand for energy and industrial inputs. In southern Africa, mining megaprojects are traditionally presented by their promoters as vectors of economic growth, technological progress and spatial restructuring. In Mozambique, large-scale investments in prospecting, extracting and transporting mineral coal from the Moatize mines (Tete Province) are legitimized by this developmental rhetoric. Mozambican authorities, international institutions and large corporations built the representation of a country transformed into a global player in the world market for energy resources in the context of the strong expansion of demand in *hard-commodities* of the 2000s. Since 2014, a new scenario marked by the fall of the However, raw material prices, trade wars and the new Coronavirus pandemic, however, open a period of uncertainty for extractive accumulation regimes.

Keywords: Mining; Extractivism; Spatial restructuring; Tete; Mozambique.

Introdução

A partir da década de 2000, Moçambique despontou como modelo de “economia emergente” africana graças ao crescimento sustentado do Produto Interno Bruto (PIB) e ao afluxo de grandes volumes de investimentos estrangeiros em megaprojetos industriais e infra estruturais planejados para promover a inserção competitiva do país na globalização. O “giro neoliberal” das décadas de 1980/90 garantiu o apoio constante das agências internacionais, como o Banco Mundial, cuja influência se tornou determinante na elaboração das orientações macroeconômicas do governo moçambicano.

Entre as fronteiras de acumulação mais promissoras para o capital internacional figura a mineração carbonífera. A descoberta de reservas gigantes de carvão mineral na Província de Tete no início da década de 2000 atraiu instantaneamente os atores globais do setor (Vale S.A., Rio Tinto etc.) no contexto de um superciclo global das *commodities* garantindo o acesso à um mercado mundial em expansão num cenário de elevação do preço do recurso. A mobilização conjunta das autoridades moçambicanas e brasileiras garantiu à Vale S.A. um acesso privilegiado à exploração sob regime de concessão das reservas da Bacia Carbonífera de Moatize. A indústria da mineração se beneficiou de um arcabouço institucional e regulatório particularmente favorável, em sinergia com o regime de acumulação extrativista vigorando no país. Legitimado por uma retórica associando o novo polo industrial de Moatize ao progresso, a modernidade e ao desenvolvimento, o megaprojeto

transformou o espaço geográfico local/regional.

A apresentação e a análise geral do sistema extrativista da Bacia carbonífera de Moatize permitirá apreender, em primeiro lugar, as dinâmicas econômicas locais na perspectiva das estratégias funcionais e territoriais desenvolvidas pelos atores globais da mineração com o amparo institucional e político das autoridades nacionais e de instituições financeiras internacionais (sessão 2). O *espaço geográfico* (Milton Santos) construído pelas mineradoras e os demais atores participando do processo de reestruturação produtiva em Moatize será analisado a seguir (sessão 3). A última sessão abordará, enfim, a problemática da relação complexa que se estabelece entre a expansão da indústria da mineração, as oportunidades de desenvolvimento local/regional e as mudanças na organização do espaço em Moatize e na sua região (sessão 4). Antes, procederemos a uma breve contextualização visando a situar histórico e geograficamente o atual desenvolvimento da mineração carbonífera na província moçambicana de Tete na perspectiva do extrativismo na África austral (sessão 1).

1. A importância da mineração nas economias e espaços da África Austral e de Moçambique

A África austral concentra mais ou menos todos os tipos de minérios existentes no Planeta (Tabela 1). Conseqüentemente, o extrativismo mineral estruturou historicamente as economias, as sociedades e a base territorial nacional de países como África do sul, Zimbábue, Zâmbia, Botsuana e Namíbia.

Tabela 1
As principais riquezas minerais exploradas na África austral

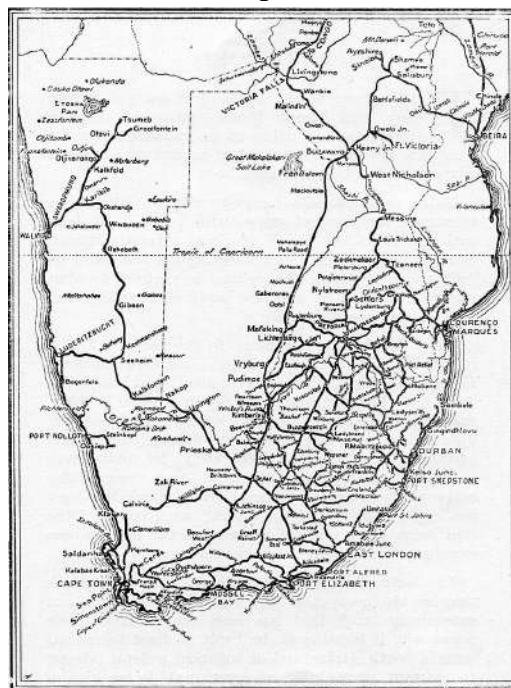
Namíbia	Zimbábue	Botsuana	Suazilândia	Moçambique	Lesoto	África do Sul
diamante	platina	diamante	ferro	gás natural	diamante e	ouro
urânio	diamante	cuproníquel	diamante	carvão		diamante
cobre	amianto	cobre		alumínio		carvão
chumbo	cromo	carbonato de sódio		ouro		ferro
zinco	cobre					cobre
	lítio					zinco
	tungstênio					cromo
	níquel					platina
	ferro					manganês
	carvão					vanádio
	ouro					amianto
						antimônio

						vermiculita
						fosfato
						prata
						zircônio
						titânio

Fonte: Gervais-Lambony (2013)

Os efeitos da indústria da mineração devem também serem analisados na escala do cone sul africano. Lesoto, Suazilândia e Moçambique, cujos recursos mineiros ainda não eram explorados em larga escala foram, apesar disso, integrados a “África das minas” através de sistemas migratórios organizados pelas potências coloniais regionais que, a partir do final do século XIX, drenaram mão-de-obra estrangeira para as minas sul-africanas e rodesianas. Assim, em 1970, cerca de 80% dos mineiros da África do sul eram estrangeiros⁴³². Através das remessas, foi se estruturando um sistema formal e informal de circulação de recursos financeiros em nível regional que constituiu uma importante fonte de receitas para as administrações coloniais e comunidades locais das regiões de origem dos migrantes. Por sua parte, os investimentos em infraestruturas de transporte contribuíram para a integração funcional da região austral, conferindo ao litoral moçambicano um papel de fachada marítima dedicada às exportações das áreas de mineração e terras agrícolas sem acesso direto ao mar. Os corredores de exportação oriundos do interior da África austral se tornaram vetores maiores do processo de estruturação do território moçambicano.

Mapa 1



Mapa do sistema ferroviário da África austral (1924); Fonte: domínio público

⁴³² GERVAIS-LAMBONY, Philippe. *L'Afrique du Sud et les Etats voisins*. Paris: Armand Colin, 2013.

Um século depois, a nova conjuntura mundial, caracterizada por um forte aumento da demanda por *commodities*, provocou uma nova corrida (*scramble*) aos recursos naturais da África subsaariana⁴³³, reposicionando Moçambique no mapa geoeconômico regional. Desde o final da década de 1990, investimentos industriais de grande porte no setor do alumínio (Mozal I e II) e a descoberta de gigantescas reservas de carvão mineral (Tete) e gás natural (Cabo Delgado) atraíram corporações globais em novas fronteiras de acumulação e reprodução para o capital internacional. O novo padrão de acumulação nacional se tornou cada vez mais extrativista, sob o efeito da prioridade acordada pelas autoridades aos grandes projetos de produção, transporte e exportação destes recursos⁴³⁴. O crescimento de atividades como extração de areais pesadas, ouro, rubis, grafita e o desenvolvimento da agricultura capitalista voltada para a exportação de alimentos, confirmam o perfil cada vez mais extrativista da economia moçambicana.

O padrão de acumulação e os projetos em atividades extrativas e nos corredores de desenvolvimento são legitimados pela sua participação ao crescimento sustentado do PIB e do comércio exterior no período 2000/2014 e por uma retórica associando grandes empreendimentos à emergência econômica, ao progresso e ao desenvolvimento:

O desenvolvimento dos sectores de gás e carvão em Moçambique representa uma oportunidade ímpar para acelerar o crescimento inclusivo e reduzir a pobreza. [...] O enorme crescimento que se espera da indústria extractiva Moçambicana pode reduzir drasticamente a pobreza a médio prazo e ajudar a criar as bases para um crescimento sustentável e uma prosperidade partilhada⁴³⁵.

Esse modelo levanta, no entanto, questionamentos relativos à perda de complexidade econômica decorrente da ausência de diversificação do tecido produtivo, à baixa contribuição das multinacionais ao orçamento do Estado, aos riscos de doença holandesa, à crescente influência das grandes corporações estrangeiras na organização do território nacional etc.⁴³⁶. Aumentam também a exposição frente as oscilações do preço das *commodities* e a dependência das importações de capital, mão-de-obra qualificada, maquinários e tecnologias estrangeiros. Por sua parte, a economia política do extrativismo alimenta o clientelismo e uma distribuição muito desigual da renda das exportações que costuma desestimular o desenvolvimento⁴³⁷. Conflitos territoriais e impactos

⁴³³ SOUTHALL, Roger; MELBER, Henning. *A new scramble for Africa? Imperialism, Investment and Development*. Scottsville: University of Kwazulu-Natal Press, 2009.

⁴³⁴ MUIANGA, Carlos. Investimentos, recursos naturais e desafios para Moçambique. In: CHICHAVA S. *Desafios para Moçambique 2019*. Maputo: IESE, 2019, pp.147-164.

⁴³⁵ LAMAS, Isabella. Um caso de sucesso? Políticas neoliberais, setor extrativo e corporações privadas enquanto agentes de desenvolvimento em Moçambique. In: *Revisa Crítica de Humanidades*. Salvador/Recife, n. 45: 395-426.2018. p. 3

⁴³⁶ MUIANGA, Carlos. Op. Cit.

⁴³⁷ BAYART, Jean François. *El estado en África: la política del vientre*. Barcelona: Ediciones Bellaterra, 2000.

ambientais gerados pela mineração são, também, cada vez mais questionados pela sociedade⁴³⁸. Em escalas local e regional, o desenvolvimento da indústria de mineração na Província de Tete levanta questionamentos e alimenta debates acerca destas dinâmicas.

3. A bacia carbonífera de Moatize (Tete): atores e dinâmicas gerais do sistema extrativista local

Caracterização geral da bacia carbonífera de Moatize (Tete)

A Província de Tete localiza-se no Centro-Oeste de Moçambique, sendo limítrofe de Malauí (Leste), Zâmbia (Oeste), Zimbábue (Sul) e das províncias moçambicanas de Sofala e Manica (mapa 2).

Mapa 2
Mapa de localização da província de Tete, Moçambique



Fonte: Nations Online Project

A cidade de Tete, capital da Província de mesmo nome, abriga uma das maiores reservas de

⁴³⁸ EUSEBIO, Albino José; MAGALHÃES, Sonia Barbosa. Grandes projetos de mineração e direitos territoriais das comunidades locais em Moçambique. *Novos Cadernos NAEA*, v. 21, n. 1, 2018.

carvão do mundo, essencialmente localizada no distrito de Moatize. Na época colonial, a exploração das minas ocorria em pequena escala e era fundamentalmente destinada ao consumo doméstico (unidades de geração de energia elétrica, transporte ferroviário, produção de cimento...). Depois da Independência (1975), o governo de Samora Machel criou a empresa nacional de carvão de Moçambique (CARBOMOC E.E.) e escolheu a mineração como setor prioritário para construir uma nova economia nacional. No entanto, a atividade foi particularmente prejudicada pela guerra civil (1977-1992). A insegurança no vale do Zambeze e a baixa capacidade de investimento do Estado se traduziram por uma forte queda da produção, que passou de 800.000 toneladas em 1974 a quase zero em meados da década de 1980. Em consequência do conflito, a Companhia Carbonífera de Moçambique paralisou as atividades em 1988⁴³⁹.

Mais recentemente, reservas gigantes de carvão avaliadas em 838 milhões de toneladas métricas foram descobertas na bacia de Moatize, em pleno superciclo das *commodities* da década de 2000. As condições pedológicas locais e a localização das camadas estratigráficas próximo da superfície do solo permitem a extração a céu aberto⁴⁴⁰, que pode ocorrer em larga escala e mobilizando um maquinário de grande porte. Essa configuração técnico-operacional requer significativos volumes de investimentos iniciais, mas garante baixos custos de produção.

Imagem 1
Mina a céu aberto da Vale – Bacia de Moatize



Foto: Marcelo Coelho/Vale

Em 2004, o governo moçambicano pôs fim as atividades da estatal CARBOMOC E.E. e organizou um concurso internacional abrindo direitos de pesquisa e prospecção à firmas multinacionais dispendo de capacidade de investimento suficiente para explorar as reservas

⁴³⁹ CHIZENZA, Anselmo Panse. Mineração e conflito ambiental: disputas da implantação do megaprojeto da Vale na Bacia Carbonífera de Moatize, Moçambique. In: *Dissertação (Mestre em Sociologia)*, Porto Alegre, 2016

⁴⁴⁰ No mundo somente 40% do carvão são extraídos em minas abertas

carboníferas locais. Os direitos de mineração foram outorgados à corporação brasileira Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) que obteve concessões de 25 anos, renováveis por mais 25 anos, para explorar os blocos I e II da bacia de Moatize, considerada a maior do continente e a quarta maior do mundo. Em 2007, a Vale Moçambique obteve sua licença de exploração, podendo iniciar a preparação das operações e a elaboração de seus projetos sociais e ambientais⁴⁴¹. A fase I do projeto, que mobilizou aproximadamente 1,6 bilhões de dólares, viabilizou o início das operações em 2011 com uma capacidade de produção avaliada em 11 milhões de toneladas de minério por ano. São 8,5 milhões de toneladas de coque destinados à indústria metalúrgica e 2,5 milhões de toneladas de carvão térmico para a geração de energia elétrica. A tabela 2 ilustra o crescimento da produção moçambicana de carvão a partir do início das operações em Moatize I e II.

Tabela2
Produção de carvão em Moçambique

Ano	Produção (10³ ton.)
2011	0,6
2012	3,0
2013	6.0
2014	6.5
2015	6.0
2016	8.0
2017	11.6
2018	11.8

Fonte: INE (Estatísticas Industriais)

A década de 2010 foi marcada por fortes oscilações do preço do carvão que estimularam a Vale Moçambique a rever suas projeções de negócios diante da nova conjuntura. Em 2018, a firma foi confrontada a uma diminuição da produção e das vendas da *commodity* num cenário nacional marcado pela diminuição do ritmo do crescimento do PIB e pela fragilização do governo depois da revelação do escândalo das dívidas ocultas. No ano seguinte, o modelo de negócio foi reestruturado no sentido de uma priorização da produção de carvão metalúrgico em detrimento do térmico. Em 2020, a pandemia de Coronavírus/COVID19 incentivou a direção global da Vale a retirar os funcionários brasileiros do país, comprometendo, em consequência, o desenvolvimento das operações.

A conjuntura mudou, portanto, profundamente em relação ao superciclo das *commodities* dos anos 2000/2014 que tinha criado um clima muito favorável ao investimento. A curto e médio prazo, as estratégias da China em termos de produção e importação de carvão, a evolução da

⁴⁴¹ MOSCA, João; SELEMANE, Tomás. *El Dorado Tete: os mega projetos de mineração*. Maputo: CEDIMA, 2011.

conjuntura econômica na Índia, os efeitos recessivos da crise pandêmica de 2020 e os impactos da transição energética em prol de matrizes energéticas mais limpas desenharam os contornos de um mercado mundial do carvão muito mais instável e um cenário de muitas incertezas para os operadores.

Os atores do setor da mineração e suas estratégias

O Estado moçambicano foi um ator central do desenvolvimento da indústria da mineração na Província de Tete. Os investimentos no setor participam de uma política visando a criar um clima de negócios favorável à atração de firmas estrangeiras no âmbito de megaprojetos industriais e infra estruturais. Para isso, foi estabelecido um arcabouço institucional, fiscal e regulatório particularmente favorável aos investidores. Leis, normas, decretos etc. permitem, também, mitigar os impactos sociais e ambientais das atividades que, no caso da extração mineral, costumam ser de grande magnitude. A abundância e a qualidade do carvão mineral, assim como as condições geológicas de extração favoráveis, também contribuíram para a atratividade da Bacia de Moatize.

Entre os investidores, a Vale Moçambique, se posicionou regionalmente em ator economicamente hegemônico após ganhar a licitação internacional de 2004. O apoio político e/ou financeiro dos governos moçambicano e brasileiro, do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) brasileiro e da International Finance Corporation (IFC)/Banco Mundial, se revelou decisivo para a construção dessa hegemonia econômica e operacional. O projeto da Vale, que abrange uma área de exploração *greenfield* de 23.780 mil hectares⁴⁴², foi dividido em três fases: 1) implantação da infraestrutura entre 2007 e 2010; 2) extração de carvão mineral na mina a céu aberto a partir de 2011; 3) encerramento das atividades mineiras (previsão de 35 anos de operação). Segundo um relatório da *Human Right Watch*⁴⁴³, os investimentos somam respectivamente US\$ 1,9 bilhões, US\$ 2 bilhões e US\$ 4 bilhões para cada fase.

Na área de exploração dos projetos Moatize I e Moatize II, a Vale Moçambique extrai carvão metalúrgico (coque), usado como matéria prima pelas indústrias siderúrgica e metalúrgica, além de carvão térmico, para queima em usinas termoelétricas. A multinacional brasileira, em fase avançada de internacionalização dos negócios e de integração vertical de suas atividades, investe também no escoamento do produto, sendo o ator de referência da modernização da ferrovia de Senna (Moatize-porto da Beira) e, sobretudo, do Corredor de Nacala que deve viabilizar as exportações para países

⁴⁴² LAMAS, Isabella. Op. Cit.

⁴⁴³ HUMAN RIGHTS WATCH. HRW. “O que é uma casa sem comida? O boom da mineração de carvão em Moçambique e o reassentamento”. In: EUA: Human Rights Watch, 2013. 141p

como China, Japão e Índia⁴⁴⁴.

A multinacional anglo-australiana Rio Tinto, é outro ator maior da mineração na Província de Tete. A firma se instalou na região em 2011 após a compra dos direitos de concessão da Riversdale Moçambique Limitada, subsidiária da Riversdale (Austrália). O processo de concessão das minas, o Estudo de Impactos Ambientais (EIA) e o planejamento das áreas de reassentamentos tinha sido feitos pela empresa australiana. A Rio Tinto desenvolveu diversos projetos mineradores: “Zambeze”, (prevendo a extração de 9 bilhões de toneladas de carvão); “Tete Ocidental” (5 bilhões de toneladas); “Benga”, (4 bilhões de toneladas, extraídos em parceria com a Tata Steel (Índia)). No ano de 2014, a Rio Tinto anunciou a venda da mina de Benga, para o grupo indiano Coal Ventures Private Limited (IVCL), por cerca de 37,3 milhões de euros⁴⁴⁵.

A bacia carbonífera em Tete atraiu também atores da mineração de menor porte, mas não menos relevantes para o cenário minerador local, tal como a Jindal Steel and Power Limited Moçambique (JSPL) (Índia), que investiu inicialmente 180 milhões de dólares na sua área de concessão (distrito de Changara) que abriga reservas de 724 milhões de toneladas de carvão mineral. Cerca de 10% da empresa pertence ao Governo Moçambicano. Suas atividades s iniciaram em 2012⁴⁴⁶.

A tabela 3 apresenta uma síntese dos atores econômicos operando na extração de carvão mineral em Tete.

Tabela 3: Os principais atores da indústria carbonífera em Tete, Moçambique

Empresa	País	Localização (cidade, província)	Área de exploração (licenças - ha)	Produção M. ton. a.a.	Início da Produção
Vale S.A.	Brasil	Moatize, Tete	44.040	11,0	2011
ICVL*	Índia	Benga, Tete	117.420	6,0	2012
		Zambeze, Tete			2016
JSPL Mozambique Minerais	Índia	Changara, Tete	72.040	3,0	2013
Beacon Hill Resources Plc.	Reino Unido	Moatize, Tete	260	2,3	2011
		Changara, Tete	18.400		

Fonte: FMI (2014); HRW (2013); sites das empresas – Elaboração: autores
* antiga mina da Rio Tinto

⁴⁴⁴ CHIZENZA, Anselmo Panse. Op.Cit.

⁴⁴⁵ Ibid.

⁴⁴⁶ HUMAN RIGHTS WATCH. Op.Cit.

3. O espaço geográfico das mineradoras em Moatize e no Corredor de Nacala: interesses estratégicos, sistemas de objetos e ações

A região de Tete passou por transformações profundas desde a instalação dos principais *globais players* da mineração cujas estratégias funcionais e territoriais reestruturaram o espaço geográfico em diversas escalas. Segundo Milton Santos (1996), o espaço geográfico é “*formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá*”⁴⁴⁷. A natureza fornece *coisas* que o trabalho do Homem transforma em *objetos*, definidos como “*tudo o que existe na superfície da terra, toda herança da história natural e todo resultado da ação humana que se objetivou. Os objetos são esse extenso, essa objetividade, isso que se cria fora do homem e se torna instrumento material de sua vida*”⁴⁴⁸. A *forma* é, do seu lado, o aspecto visível, exterior do objeto. A *forma espacial* expressa a função da atividade desempenhada pelo objeto criado e a estrutura-social-natural definida historicamente. No caso da cadeia da mineração, são *formas espaciais* a sede e os escritórios das corporações, as minas, as infraestruturas de estocagem, as redes de transporte ou os terminais portuários, objetos estratégicos para o desenvolvimento da atividade. Assim, podemos considerar que:

A partir do reconhecimento dos objetos na paisagem, e no espaço, somos alertados para as relações que existem entre os lugares. Essas relações são respostas ao processo produtivo no sentido largo, incluindo desde a produção de mercadorias à produção simbólica⁴⁴⁹

Formas e funções constituem o *sistema de objetos*. Elas variam no tempo e assumem características próprias a cada grupo social, sendo uma concepção histórica e relacional da geografia e do espaço. O *processo* significa a ação que é realizada de modo contínuo e visa um resultado que implica tempo e mudança. Ocorre no âmbito de uma estrutura social e econômica. Por sua parte, as *ações* dos indivíduos, das firmas ou das instituições estatais são definidas pelos seus objetivos, estratégias e finalidades, que mobilizam *funções* dando origem aos *objetos*.

Ou seja, os “sistemas de objetos e sistemas de ações interagem. De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes”⁴⁵⁰.

⁴⁴⁷ SANTOS, M. *A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.p.63

⁴⁴⁸ Ibid. p.75

⁴⁴⁹ Ibid., p. 45

⁴⁵⁰ Ibid. p.63

O *sistema de objetos* da mineração é formado por um conjunto de espaços de comando, gestão e administração, sítios extrativos, pátios de estocagem, redes de transporte, terminais exportadores etc. Participam e são ilustrativos do modelo de desenvolvimento pautado em megaprojetos industriais e infraestruturais⁴⁵¹. O economista moçambicano Castel-Branco define os megaprojetos com base no volume de investimentos aplicado (superior a 500 M. de US \$), no seu caráter intensivo em capital contrastando com o baixo nível de geração de emprego, na concentração setorial (extrativismo e infraestruturas técnicas de grande porte), na preponderância de atores corporativos globais e na exposição crônica às oscilações dos mercados⁴⁵². Através de suas ações, o governo se dedicou sistematicamente à promoção de ambiente institucional favorável mediante incentivos fiscais, isenções alfandegárias, facilitações para remessas de lucros etc.

No bojo deste padrão de acumulação, a elaboração de estratégias econômicas e operacionais previamente estabelecidas, de códigos de mineração, leis ambientais, incentivos fiscais, contratos, regras etc. definem o *sistema de ações* institucional viabilizando o modelo de negócio das corporações, a prospecção mineral e a exploração de carvão. Nota-se que o protagonismo geopolítico e geoeconômico brasileiro, legitimado pela retórica da Cooperação Sul-Sul e da “africanidade da sociedade brasileira” foi decisivo na construção deste sistema de ações atendendo aos interesses e as estratégias de Brasília e da Vale S.A.. Da mesma forma, o Banco Mundial apoiou o megaprojeto que reflete, aos olhos da instituição internacional, a trajetória neoliberal bem sucedida de Moçambique na construção do seu modelo de desenvolvimento.

O arcabouço institucional e regulatório visando a promover a estratégia de polos de crescimento chamados a alavancar o desenvolvimento regional nas áreas recebendo grandes projetos é ilustrativo desta dinâmica. Após as primeiras críticas relativas ao caráter não inclusivo do crescimento econômico, um Plano de Ação para Redução da Pobreza (PARP) foi elaborado em parceria com o Banco Mundial (BM)⁴⁵³. O projeto aposta em polos de crescimento para promover o desenvolvimento das regiões inseridas nos corredores de desenvolvimento. Os polos de crescimento são definidos como:

pontos de crescimento económico ou centros de actividade económica que beneficiam da aglomeração de economias e, através da sua interacção com as áreas circundantes, propagam prosperidade do centro para a periferia.⁴⁵⁴

⁴⁵¹ CASTEL-BRANCO, Carlos N. (2008). *Os mega projectos em Moçambique. Que contributo para a economia nacional?* Fórum da Sociedade Civil sobre Indústria Extractiva, Maputo, 27-28/11/2008

⁴⁵² Ibid.

⁴⁵³ BANCO MUNDIAL, Departamento de Desenvolvimento do Setor Financeiro e Privado, Região África. Perspectivas para os pólos de crescimento em Moçambique: Sumário do Relatório. In: *Projecto de Desenvolvimento de um Sistema de Documentação e Partilha de Informação*, [S.l.], p. 1-21, ago. 2010

⁴⁵⁴ Ibid., p.4

Os polos, ao exemplo do distrito industrial de Moatize, devem promover efeitos desencadeadores setoriais, mediante a atração de investidores dando apoio a atividade motora, e espaciais, através da difusão geográfica do crescimento em escala local e regional. A possibilidade de promover o desenvolvimento recorrendo a diversificação da base produtiva e da geração de empregos na indústria, nos serviços e no comércio é um argumento que vertebra a retórica universal legitimando os grandes empreendimentos e ações de ordenamento territorial desde os meados do século XX.

O *sistema de ações* construído por uma pluralidade de atores políticos e econômicos, nacionais e estrangeiros, possibilitou então a implementação de um novo *sistema de objetos* na região de Tete e no Norte de Moçambique. Funções como o extrativismo mineral praticado em larga escala, a estocagem mediante um maquinário de grande porte e a logística deram lugar a novas formas espaciais numa região essencialmente rural e agrícola.

Imagens 2 e 3 **Composição ferroviária e pátio da Vale em Moatize (Moçambique)**



Fontes: vale.com (serviço de divulgação)

4. Mineração, desenvolvimento e reestruturação espacial em escalas regional e local: Tete e Moatize

4.1. Mineração e retórica desenvolvimentista

O debate sobre megaprojetos e/ou grandes empreendimentos é tradicionalmente permeado pela retórica de seus impactos estruturadores positivos sobre o desenvolvimento (local, regional ou nacional) e o ordenamento do território⁴⁵⁵. Apesar dos inúmeros estudos empíricos, artigos científicos e publicações especializadas concluindo que os investimentos de grande porte não

⁴⁵⁵ OFFNER, Jean-Marc. Les «effets structurants» du transport: mythe politique, mystification scientifique. *L'Espace Géographique*, vol. 22, nº3, 1993, p.233-242

provocam efeitos estruturadores automáticos e lineares, a hipótese de megaprojetos gerando efeitos desenvolvimentistas sistemáticos continua legitimando políticas de “modernização” das economias e das sociedades⁴⁵⁶. Segundo Offner (1993), a resiliência desta argumentação tem por origem o funcionamento atemporal, quase universal e simples da ação dos Estados: instancia de decisão, decisão, objetivo, resultado⁴⁵⁷. Por essa razão, o postulado de grandes projetos alavancando o crescimento econômico, a reestruturação do espaço etc. ainda seduz as estruturas de poder político e legitima os empreendimentos no setor⁴⁵⁸. O mesmo raciocínio poderia ser aplicado à teoria dos polos de crescimento de François Perroux apostando na difusão setorial e espacial do crescimento econômico a partir de uma indústria motora. A teoria norteou as políticas estatais de ordenamento territorial de muitos governos na Europa ocidental e no Japão em tempos de reconstrução de suas economias e em países do Sul após as Independências (Argélia, Nigéria, Iraque etc.). Apesar dos efeitos desencadeadores não ter sido globalmente suficientes para diversificar as bases produtivas locais e regionais, os polos de crescimento continuam sendo apresentados como vetores de desenvolvimento por instituições internacionais e governos nacionais.

Em Moçambique, onde a influência do Banco Mundial sobre as instancias de decisão governamentais é marcante desde a adoção do receituário macroeconômico neoliberal nas décadas de 1980/90, a filosofia norteando o processo de modernização da economia e da base produtiva é marcada pelo predomínio da ortodoxia tecnocrática postulando que investimentos de grande porte estimulam automaticamente trajetórias de crescimento econômico impactando positivamente o desenvolvimento regional e nacional. Este ideário tecnicista e economicista alimenta a retórica dos impactos positivos dos megaprojetos, mobilizada para legitimar os investimentos no setor da mineração e minimizar os efeitos negativos da atividade.

O papel estruturador da mineração sobre as economias e os espaços sendo considerado estratégico para a o desenvolvimento de um capitalismo moderno do país, a atração de corporações globais na bacia carbonífera de Moatize legitimou a construção do *sistema de ações* apresentado anteriormente. Assim como no Brasil, a ação estatal foi fundamental na captação de investimentos estrangeiros e no planejamento territorial:

A intervenção política [...] teve, portanto, papel importante na preparação institucional, na montagem de infra-estrutura e na captação de recursos financeiros indispensáveis ao desenvolvimento de um capitalismo moderno apoiado na mineração industrial (...)⁴⁵⁹

⁴⁵⁶ Offner, Op. Cit.

⁴⁵⁷ Offner, Op. Cit.

⁴⁵⁸ MONIÉ, Frédéric. *Dinâmicas institucionais, operacionais e espaciais do processo de modernização do sistema portuário brasileiro*. In Silveira, Márcio Rogério; Fernandes Felipe Junior, Nelson: Circulação, Transportes e Logística no Brasil. Florianópolis, Editora Insular, pp.95-121, 2019.

⁴⁵⁹ COELHO, Maria Célia Nunes; MONTEIRO, Maurílio de Abreu. *Mineração e reestruturação espacial da Amazônia*. Belém: NAEA, 2007.p. 34.

Entende-se, portanto, que o Estado é um dos principais atores do desenvolvimento, pois atua diretamente no planejamento, regulação e proteção dos interesses nacionais:

Como os investidores investem onde é competitivo investir, resta aos lugares – regiões e cidades – competir entre si por estes investimentos e ganha força o discurso sobre o papel dos governos locais vistos como os agentes capazes de induzir, mobilizar, promover o crescimento econômico de seus próprios espaços⁴⁶⁰

Em Moçambique, a estratégia do governo no campo da mineração industrial entende promover a aceleração do crescimento econômico e a geração de emprego em províncias com baixos índices de desenvolvimento econômico e humano. Convém lembrar que os grandes empreendimentos costumam gerar emprego em larga escala durante a fase da instalação das unidades de extração, estocagem e escoamento do recurso. Neste contexto, as atividades da construção civil são intensivas em mão-de-obra pouco qualificada encontrada no mercado de trabalho local/regional. A implantação do projeto supõe também a contratação de trabalhadores de maior nível de qualificação, nacionais e estrangeiros. A indústria de mineração chegou, assim, a empregar 10.000 trabalhadores (8.000 nacionais e 2.000 estrangeiros) durante a fase de instalação dos sítios extrativistas.

A industrialização se traduz por uma formalização do emprego e um forte desenvolvimento do assalariamento entre populações que dependiam tradicionalmente da renda cotidiana e aleatória propiciada por atividades informais, em geral nas áreas rurais. Estamos diante de uma profunda mudança cultural que transforma os padrões de consumo, a compra de bens podendo ser planejada num ambiente de maior segurança financeira. O emprego assalariado muda também as métricas e a natureza da mobilidade cotidiana⁴⁶¹. O tempo do trabalho em canteiros de obra e sítios extrativos é organizado segundo horários precisos e repetidos, supondo amplos movimentos de trabalhadores em horários de pico. As migrações pendulares mudam a natureza e a intensidade da circulação local além de elevar o nível de contaminação do ar. No contexto de uma região sem tradição industrial onde o ritmo da vida cotidiana da maioria era ditado por uma relação estreita com a Natureza (sazonalidade, exposição as intempéries etc.), o emprego em circuitos modernos do capitalismo, transforma, assim, os gêneros de vida e as práticas socioespaciais da população numa região ainda fortemente marcada pelas suas características rurais.

O mercado de trabalho adquire uma feição mais complexa. Emerge uma elite de profissionais qualificados, frequentemente empregados em firmas estrangeiras que recrutam em

⁴⁶⁰ PIQUET, R. Da cana ao petróleo: uma região em mudança. In: PIQUET, R. (Org.). *Petróleo, Royalties e Região*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003. p. 3

⁴⁶¹ MONIÉ, F. Petróleo, industrialização e organização do espaço regional. In: PIQUET, R. (Org.). *Petróleo, Royalties e Região*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003. p. 257-285.

bacias de trabalho fornecendo recursos humanos com o perfil desejado (Maputo, Brasil, África do sul). Por sua parte, as empresas nacionais que operam com frequência em atividades de baixo grau de complexidade, como a construção civil, contratam uma mão-de-obra local, numerosa, essencialmente masculina e pouco qualificada, cujo nível de remuneração é muito inferior ao observado nas firmas estrangeiras (tabela 4). Devemos também ressaltar o surgimento e a consolidação do trabalho informal (comércio de rua, construção civil artesanal, serviços de transporte local etc.) sob o efeito do crescimento urbano e do aumento da renda média da população.

Tabela 4: Salários pagos por empresas atuando no empreendimento da Vale S.A (2011)

Empresas	Salário min. (US\$)	Salário máx. (US\$)
Moçambicanas	50,60	2.140,47
Estrangeiras	10,44	277,75

Fonte: Mosca; Selemane (2011)

A reestruturação do mercado de trabalho gera, portanto, um acirramento das desigualdades de renda e a dualização das práticas socioespaciais na cidade. Objetos preferencialmente frequentados por profissionais, como restaurantes, hotéis, clubes, comércio de alto padrão social etc. transformam a paisagem e sinalizam o caráter segregador do atual processo de reestruturação do espaço urbano. O surgimento de espaços residenciais socialmente seletivos confirma esta tendência⁴⁶².

A transformação da bacia de trabalho levanta, enfim, um desafio maior comum aos grandes empreendimentos pelo mundo. O término das obras e da instalação do sítio extrativo se traduz por uma forte diminuição do emprego direto entre as categorias de trabalhadores menos qualificados. Estamos, com efeito, em presença de uma atividade industrial cujo grau de tecnicidade limita o recurso ao trabalho humano. A demissão de milhares de trabalhadores representa, assim, um desafio maior em termos de gestão social do desemprego para as autoridades locais confrontadas a permanência na cidade de trabalhadores sem ocupação. Os mais jovens, em particular, “*mais integrados nas dinâmicas de uma sociedade de consumo emergente, se interessam cada vez menos pelas tarefas agrícolas*”⁴⁶³ e não pretendem, por isso, retornar para seus vilarejos de origem.

Apesar da magnitude dos investimentos no distrito de Moatize, a natureza do regime de acumulação local não deve, portanto, gerar uma trajetória desenvolvimentista na região. Nos

⁴⁶² MONIÉ, Frédéric (2003). Op. Cit.

⁴⁶³ FEIJÓ, João; AGY, Aleia Rachide. Processos Migratórios, Trabalho Agrícola e Integração dos Mercados: Efeitos da Implementação de Grandes Projectos sobre Comunidades Camponesas. *Desafios para Moçambique 2015*, [S.l.], p. 271-308, ago. 2015. p. 285.

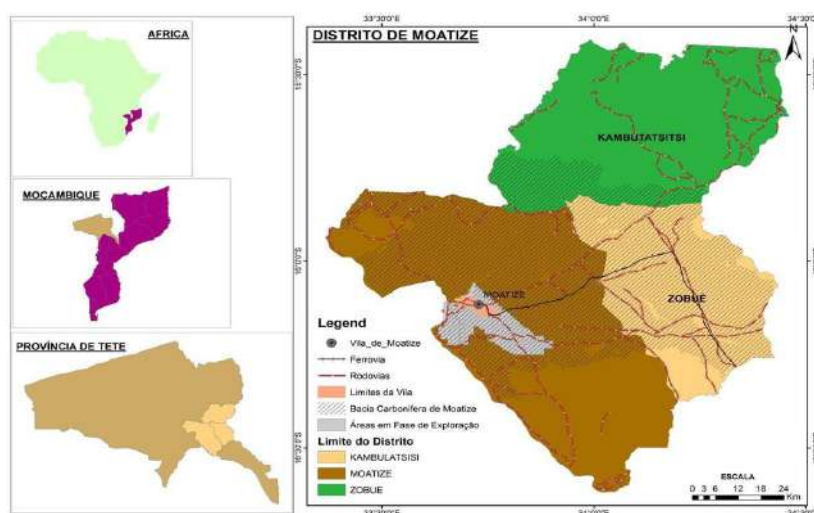
dirigimos para um cenário de monoprodução setorial e baixa complexidade do tecido produtivo. Os efeitos desencadeadores se limitam ao crescimento do comércio e de serviços altamente dependentes da conjuntura local. Conforme ocorre em outras regiões da África e do Mundo, a aposta no extrativismo aumenta as receitas das exportações e dinamiza o crescimento do PIB quando a conjuntura comercial é favorável, mas não promove o desenvolvimento regional além de impactar duravelmente o meio ambiente.

Analisando o contexto nacional, o economista Carlos Nuno Castel-Branco observa que desde 2003 a porcentagem da população moçambicano que vive abaixo da linha da pobreza (aproximadamente 55,0% do total) se mantém globalmente inalterada⁴⁶⁴. “Cerca de três quartos da taxa de crescimento do PIB e das exportações são determinados por grandes empresas intensivas em capital, que empregam pouco, focadas no complexo mineral-energético”⁴⁶⁵. Avalia-se assim que apesar da magnitude dos investimentos realizados este complexo econômico empregava, antes da instalação das bases extrativas do gás natural na Bacia de Rovuma (2019-2020), apenas 25.000 trabalhadores no país.

A grave crise enfrentada atualmente por países do Sul que emergiram ou consolidaram suas posições de *global players* nos mercados mundiais de *commodities* minerais e agrícolas no cenário econômico mundial da década de 2000 nos lembra a fragilidade de modelos de desenvolvimento altamente dependentes das exportações de bens não ou pouco processados.

4.2. Mineração carbonífera e reestruturação espacial na região de Tete

Mapa 3 - Localização geográfica do distrito de Moatize



Fonte: Santos Cuambe⁴⁶⁶

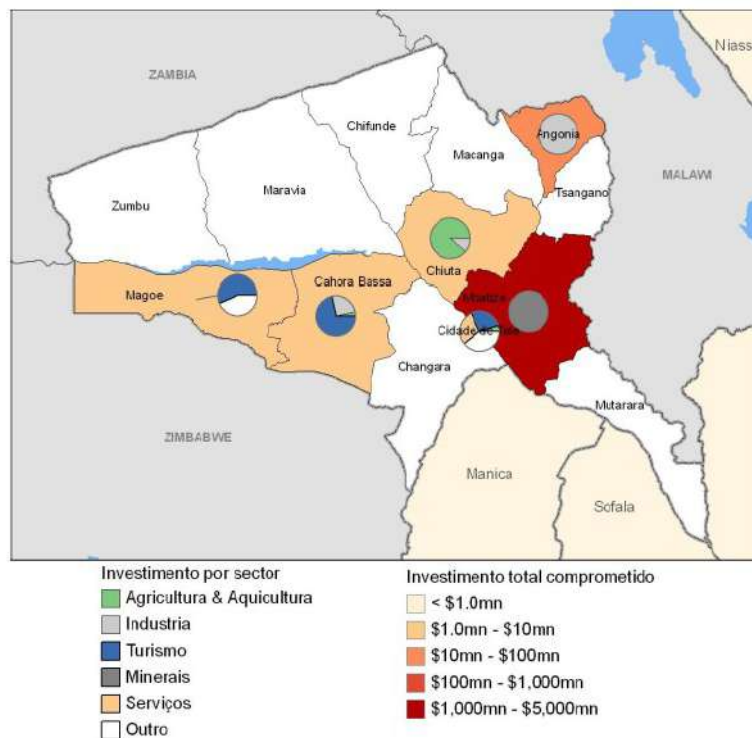
⁴⁶⁴ CASTEL-BRANCO, Carlos N. Growth, capital accumulation and economic porosity in Mozambique: social losses, private gains. *Review of African Political Economy*, 2015, pp. 526-548

⁴⁶⁵ CASTEL-BRANCO. Op. Cit.

⁴⁶⁶ SANTOS CUAMBE, Inês Selça dos. *Análise da dinâmica sócioambiental em áreas de mineração: um estudo da*

Um dos maiores efeitos do desenvolvimento da mineração na Bacia carbonífera de Moatize, que ocupa 80% da superfície do distrito, reside na concentração de capital na cidade e nas suas imediações. O afluxo de grandes volumes de investimentos gerou fenômenos de polarização que transformam o espaço local e regional. Entre 2005 e 2009, o distrito de Moatize recebeu 1,8 B. de US dólares de investimentos, correspondendo a 11% do total nacional ⁴⁶⁷ (mapa 4).

Mapa 4
Distribuição de investimentos na província de Tete



Fonte: Banco Mundial (2010)

Os fluxos de capital consolidaram a posição da cidade de Tete, a qual pertencia o distrito de Moatize até sua emancipação recente, como principal polo econômico regional. Além da instalação de um *sistema de objetos* diretamente ligado a mineração carbonífera (minas, pátios, ferrovias, estradas etc.), a capital provincial experimentou uma transformação do seu espaço econômico. Objetos que ilustram a implementação de um capitalismo moderno mudam a paisagem. O aumento do consumo de serviços e bens, sob o efeito do crescimento da população residente e flutuante, reestrutura o espaço urbano. Hotéis e restaurantes mais sofisticados e locadoras de automóveis atendem, por exemplo, à demanda de assalariados do setor da mineração. O desenvolvimento do

exploração do carvão mineral em Moatize, Tete -Moçambique. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos, 2016.

⁴⁶⁷ Banco Mundial, Op. Cit.

trabalho assalariado e a maior circulação de capital provocaram, por seu lado, uma multiplicação das agências bancárias, que oferecem doravante um leque maior de serviços aos clientes. Entre 2007 e 2011, o número de agências passou de 5 para 18, incluindo os maiores bancos moçambicanos e sul-africanos⁴⁶⁸. Os postos de gasolina são, por sua parte, mais numerosos, mais modernos e de maior porte para atender ao forte aumento da demanda por combustíveis.

Observamos, também, uma expansão e transformação do comércio no distrito de Moatize e na cidade de Tete, provocadas pelo crescimento demográfico e pela sofisticação crescente da demanda por bens de consumo oriunda de uma franja da população que dispõe de maior poder aquisitivo. Supermercados e concessionárias de automóveis são, por exemplo, formas inéditas na paisagem dos centros urbanos. Menos visível na paisagem, o comércio de alimentos tornou-se particularmente estratégico para abastecer em gêneros alimentícios o setor de mineração que empregava cerca de 10.000 pessoas no início da década de 2010. A paisagem urbana é também transformada pela instalação de serviços às empresas, como escritórios de advocacia e consultoria, empresas de transporte e logística etc. prestando serviços às firmas instaladas na região. Outra dinâmica reside na modernização das infraestruturas de uso coletivo como redes de energia, malha viária, iluminação pública, equipamentos de saúde pública.

A polarização da cidade de Tete se expressa também através da mobilidade das pessoas. O aeroporto local apresenta um grau crescente de conectividade à malha aérea nacional, um crescimento do movimento de aeronaves e uma expansão do número de passageiros (tabela 5). Vale ressaltar que a movimentação foi globalmente mais intensa durante a finalização das obras e na fase inicial das operações que requerem importantes volumes de trabalhadores, entre eles profissionais de maior nível de qualificação circulando, em particular, entre Maputo, África do sul e Brasil e Tete.

Tabela 5
Movimentação de aeronaves e passageiros no aeroporto de Tete

Ano	Aeronaves	Passageiros
2009	2.658	65.000
2010	3.328	89.000
2011	4.150	100.208
2012	5.226	132.182
2013	5.178	138.000
2014	5.660	153.891
2016	4.970	126.524
2017	4.969	113.000
2018	3.668	112.069

Fonte: INE

⁴⁶⁸ MOSCA, João; SELEMANE, Tomás. “Mega - Projectos no Meio Rural, Desenvolvimento do Território e Pobreza: O Caso de Tete”. In: *Desafios para Moçambique 2012*, [S.l.], p. 231-255.

No plano demográfico, mudanças são observáveis em diversos níveis e escalas. Desde o Censo geral de 1997, a província de Tete registra um crescimento demográfico superior às demais Províncias moçambicanas. A dinâmica é relacionada a três fatores básicos 1) o elevado crescimento vegetativo numa região rural onde as taxas de natalidade e fecundidade ainda são elevadas; 2) o retorno de migrantes depois do fim da guerra civil (1992) que afetou cruelmente a Província; e 3) o anúncio de grandes empreendimentos geradores de oportunidades de empregos na década de 2000.

Tabela 6
Crescimento demográfico na Província de Tete (1997/2007 e 2007/2017)

Província	Crescimento anual 1997-2007 (%)	Crescimento anual 2007-2017 (%)
Moçambique	1,3	2,8
Tete	4,6	4,3
Maputo Província	4,2	4,3
Maputo Cidade	1,2	1,4
Nampula	3,2	2,5
Niassa	4,7	3,5
Gaza	1,5	1,7
Inhambane	1,5	1,7
Sofala	2,7	2,5
Zambézia	3,0	2,6
Cabo Delgado	5,5	1,8
Manica	3,9	3,7

Fonte: INE

Em escala local, o crescimento da população do distrito de Moatize foi também particularmente dinâmico. A população passou de 114.103 habitantes em 1997, para 2015.092 em 2007 e 309.535 em 2017⁴⁶⁹. Conforme ocorre em contextos semelhantes, os investimentos industriais de grande porte alimentaram fluxos migratórios contribuindo para o dinamismo demográfico local⁴⁷⁰. A crescente centralidade populacional e econômica se traduziu pela emancipação político-administrativo a vila de Moatize que foi elevada a categoria de cidade em fevereiro de 2020.

Observamos, enfim, complexas dinâmicas de redistribuição espacial da população. Estamos diante de um processo envolvendo, em primeiro lugar, os tradicionais fluxos migratórios em direção à regiões representadas como “El Dorados” propiciando emprego e renda para os migrantes. Ou seja, o ritmo do crescimento demográfico tende a acelerar, em benefício das áreas urbanas sediando os novos sítios industriais. No caso de Moatize, esse movimento foi limitado pelo fato que nos espaços rurais a empregabilidade da parte da população na indústria da mineração é limitada pela

⁴⁶⁹ Dados do Recenseamento geral da população de 2017 (INE)

⁴⁷⁰ MONIÉ, Frédéric (2003). Op. Cit.

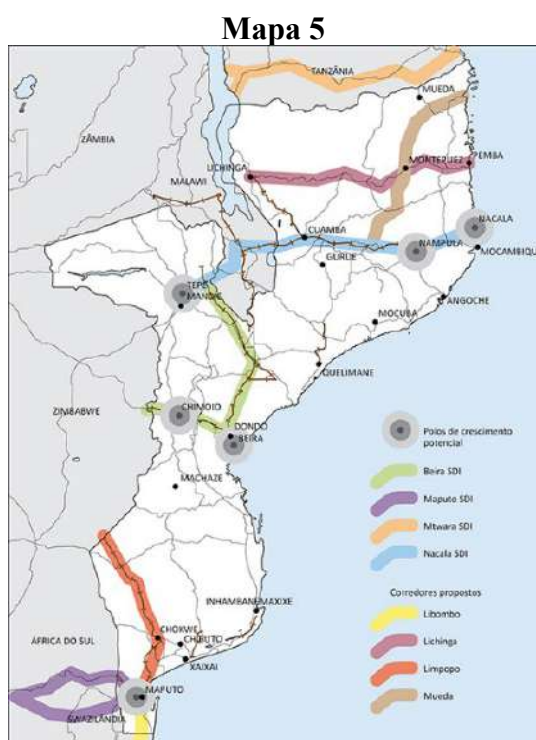
falta de documentos oficiais e de qualificação profissional⁴⁷¹. Além disso, relatos de camponeses sinalizam também que a representação negativa do trabalho assalariado na cidade pode limitar o êxodo rural:

Já habituei trabalhar aqui na machamba, no emprego nada não vou conseguir. Esperar fim de mês para receber enquanto aqui toda hora eu procuro... porque há... porque não sei se vendo e ao sair à tarde sempre tenho qualquer coisa⁴⁷²

A redistribuição espacial da população expressa-se também através dos deslocamentos compulsórios provocados pela instalação dos sítios extrativos da Vale e da Riverdale a partir da 2ª metade da década de 2000, milhares de famílias foram realocados para lugares distantes do seu espaço de residência de origem⁴⁷³. Esta mobilidade forçada, legitimada pela retórica (desenvolvimento, modernização, progresso) comumente usada para justificar os megaprojetos, é detalhadamente analisado pelo pesquisador Eusebio Albino neste número da revista.

Mineração carbonífera e reestruturação do espaço regional: a Vale e o Corredor de Nacala

Os projetos de polos industriais são inseridos nas áreas de desenvolvimento espacial dos corredores de desenvolvimento de Maputo, da Beira e de Nacala (mapa 5) que constituem instrumentos privilegiados do modelo de inserção de Moçambique na globalização.



Corredores de Desenvolvimento Moçambique - Fonte: IMF E-Library

⁴⁷¹ FEIJÓ, João; AGY, Aleia Rachide, Op.Cit.

⁴⁷² Ibid., p. 284

⁴⁷³ EUSEBIO, Albino José. Op. Cit.

O Corredor de Nacala, com capacidade de escoamento de 30 a 40 milhões de toneladas de carvão por ano, é o mais estratégico para o polo de mineração de Tete por conectar diretamente o distrito carbonífero de Moatize aos terminais de *commodities* do porto exportador em águas profundas de Nacala (Cabo Delgado). O Corredor foi também associado ao Programa ProSavana de desenvolvimento agrícola das savanas das regiões setentrionais. O megaprojeto é um objeto chave dos interesses econômicos e comerciais do Brasil na região. Vale S.A., EMBRAPA, empresários agrícolas, multinacionais do setor da construção civil (Odebrecht, Andrade Gutierrez) são atores centrais da reestruturação dos circuitos produtivos e logísticos no Norte de Moçambique, associados ao Estado moçambicano, a Agência Japonesa de Cooperação Internacional (JICA), ao Banco Africano de Desenvolvimento (BAD) etc. O somatório das forças e das ações do capital, das agências internacionais, das multinacionais e do Estado conduz, portanto, o processo de produção e reestruturação do espaço geográfico em escala regional⁴⁷⁴.

As estratégias de internacionalização dos negócios e de integração produtiva vertical promovidas pela Vale S.A. explicam o interesse da corporação brasileira em integrar as funções extrativa e logística. A firma constrói assim em Moçambique o tripé estrutural mina/ferrovia/porto que caracteriza suas operações no Brasil e nos demais países onde atua. Através de sua participação na Sociedade de Desenvolvimento do Corredor do Norte (SDCN), a firma brasileira opera o Corredor Logístico de Nacala (CLN) por meio de contrato *Above/ Below Rail*. O empreendimento do Corredor contempla a reconstrução de trechos da via férrea (912 quilômetros de extensão), a construção de novos trechos e a implantação de um terminal portuário especializado na movimentação de carvão em Nacala. A empresa é responsável pela operação da ferrovia, enquanto a Caminhos de Ferro de Moçambique-Norte (CFM-Norte) fica encarregada do comando e da manutenção.⁴⁷⁵

O Corredor de Nacala simboliza, portanto, a modernização do sistema circulatório colonial voltado para a exportação de recursos naturais no contexto da nova corrida ao continente africano alimentada, em particular, pela elevação da demanda por *commodities* no “Sul Global” cujas multinacionais são atores centrais do processo de construção do novo regime de acumulação extrativista moçambicano.

⁴⁷⁴ CORRÊA, R. L. *Região e Organização Espacial*. São Paulo: Ática, 2000.

⁴⁷⁵ GARCIA, Ana; KATO, Karina. Políticas públicas e interesses privados: a partir do corredor de Nacala em Moçambique. In: *Caderno CRH*, Salvador, v. 29, n. 76, p. 69-86, abr. 2016.

Conclusão

Os investimentos de grande porte na Bacia Carbonífera de Moatize, na Província moçambicana de Tete, participam do regime de acumulação de natureza extrativista que se consolida em Moçambique e em países vizinhos desde a década de 2000. Os megaprojetos de cunho mineral-energético e logístico constituem vetores privilegiados do projeto de inserção da economia nacional na globalização. Conferem às multinacionais oportunidades de operar num ambiente institucional e regulatório atendendo seus interesses fiscais, financeiras, trabalhistas e fundiários. O Estado construiu, então, um sistema de ações garantindo condições de competitividade comercial e instrumentos jurídicos de equacionamento dos conflitos de uso e dos impactos ambientais. A subordinação do interesse público às estratégias produtivas e logísticas das corporações é um traço marcante deste megaprojeto. A descoberta de gigantescas reservas de carvão mineral num contexto geológico viabilizando baixos custos de produção e exploração em larga escala, atraiu os atores globais da mineração que se acomodaram no arcabouço regulatório favorável à seus negócios.

Na primeira fase (2007-2011), correspondendo a instalação do sítio extrativo, as mineradoras impuseram profundamente sua marca no território e na sociedade locais. Um sistema de objetos foi erguido para assegurar a extração (mina), a estocagem (pátios gigantes) e o escoamento (ferrovias) do carvão mineral, impondo à paisagem local a racionalidade técnica da modernidade capitalista. A partir de 2011, o espaço geográfico da Vale Moçambique, agente hegemônico na região de Tete, apresentava as pré-requisitos para iniciar suas operações. Durante a segunda fase, que deve vigorar até o prazo final das concessões, observamos, até o presente momento, uma mudança de cenário econômico e comercial que gera inúmeras incertezas: queda do preço do carvão até 2019, reestruturação do mercado mundial, riscos de recessão provocados pela crise sanitária de Coronavírus/COVID19, guerras comerciais etc.

Os impactos desenvolvimentistas da mineração são questionados por inúmeros especialistas e observadores das transformações da economia e da sociedade locais. As novas relações que se estabelecem entre o Homem e a Natureza simbolizam o caráter ambiental insustentável do projeto. A multiplicação e o acirramento dos conflitos territoriais provocados pelos reassentamentos compulsórios de milhares de famílias ilustram a contestação crescente do extrativismo. No campo social, a transformação do mercado de trabalho permitiu diminuir a pobreza, mas se traduziu também por uma acentuação das desigualdades de renda, particularmente notável entre funcionários das firmas estrangeiras e nacionais. As desigualdades permeiam o processo de reestruturação do espaço urbano cuja natureza segregadora é ilustrada pelo surgimento de espaços de consumo e residenciais de alto padrão social destinados aos profissionais mais qualificados e remunerados que contrasta com a formação de bolsões de pobreza na periferia urbana.

No campo econômico, as promessas de desenvolvimento impregnando a retórica que legitimou o megaprojeto extrativista não foram cumpridas, a menos de definir o desenvolvimento a partir de indicadores e variáveis tradicionais como crescimento do PIB, das receitas fiscais e das exportações etc. O espaço econômico de Moatize e região apresenta um baixo nível de complexidade em virtude da especialização na mineração. O polo industrial erguido para extrair carvão mineral não foi transformado em estrutura motora provocando efeitos desencadeadores suscetíveis de diversificar o tecido produtivo gerando oportunidades de desenvolvimento local.

O megaprojeto minerador de Moatize simboliza, portanto, os riscos e limitações inerentes aos regimes de acumulação e modelos de “desenvolvimento” que em Moçambique, na África e na América latina garantiram um crescimento econômico e uma diminuição da pobreza sustentando o mito de uma “emergência” questionado pelos sobressaltos da conjuntura econômica e comercial global e pelo caráter modernizado de uma inserção no sistema mundo cuja natureza pouco evoluiu nas últimas décadas.

Referências bibliográficas

- BANCO MUNDIAL, Departamento de Desenvolvimento do Setor Financeiro e Privado, Região África. Perspectivas para os pólos de crescimento em Moçambique: Sumário do Relatório. In: Projecto de Desenvolvimento de um Sistema de Documentação e Partilha de Informação, [S.l.], p. 1-21, ago. 2010
- BAYART, Jean François. El estado en África: la política del vientre. Barcelona: Ediciones Bellaterra, 2000
- CASTEL-BRANCO, Carlos N. (2008). Os mega projectos em Moçambique. Que contributo para a economia nacional? Fórum da Sociedade Civil sobre Indústria Extractiva, Maputo, 27-28/11/2008
- CASTEL-BRANCO, Carlos N. Growth, capital accumulation and economic porosity in Mozambique: social losses, private gains. Review of African Political Economy, 2015, pp. 526-548
- CHIZENZA, Anselmo Panse. Mineração e conflito ambiental: disputas da implantação do megaprojeto da Vale na Bacia Carbonífera de Moatize, Moçambique. In: Dissertação (Mestre em Sociologia), Porto Alegre, 2016
- COELHO, Maria Célia Nunes; MONTEIRO, Maurílio de Abreu. Mineração e reestruturação espacial da Amazônia. 1 ed. Belém: NAEA, 2007.p. 34
- CORRÊA, R. L.. Região e Organização Espacial. São Paulo: Ática,2000.
- EUSEBIO, Albino José; MAGALHÃES, Sonia Barbosa. Grandes projetos de mineração e direitos territoriais das comunidades locais em Moçambique. Novos Cadernos NAEA, v. 21, n. 1, 2018.

FEIJÓ, João; AGY, Aleia Rachide. Processos Migratórios, Trabalho Agrícola e Integração dos Mercados: Efeitos da Implementação de Grandes Projectos sobre Comunidades Camponesas. Desafios para Moçambique 2015, [S.l.], p. 271-308, ago. 2015. p. 285

GARCIA, Ana; KATO, Karina. Políticas públicas e interesses privados: a partir do corredor de Nacala em Moçambique. In: Caderno CRH, Salvador, v. 29, n. 76, p. 69-86, abr. 2016.

GERVAIS-LAMBONY, Philippe. L'Afrique du Sud et les Etats voisins. Paris: Armand Colin, 2013.

HUMAN RIGHTS WATCH. HRW. "O que é uma casa sem comida? O boom da mineração de carvão em Moçambique e o reassentamento". In: EUA: Human Rights Watch, 2013. 141p

LAMAS, Isabella. Um caso de sucesso? Políticas neoliberais, setor extrativo e corporações privadas enquanto agentes de desenvolvimento em Moçambique. In: Revisa Crítica de Humanidades. Salvador/Recife, n. 45: 395-426.2018.

MONIÉ, F. Petróleo, industrialização e organização do espaço regional. In: PIQUET, R. (Org.).Petróleo, Royalties e Região. Rio de Janeiro: Garamond, 2003. p. 257-285.

MONIÉ, Frédéric. Dinâmicas institucionais, operacionais e espaciais do processo de modernização do sistema portuário brasileiro. In Silveira, Márcio Rogério; Fernandes Felipe Junior, Nelson: Circulação, Transportes e Logística no Brasil. Florianópolis, Editora Insular, pp.95-121, 2019

MOSCA, João; SELEMANE, Tomás. "Mega - Projectos no Meio Rural, Desenvolvimento do Território e Pobreza: O Caso de Tete". In: Desafios para Moçambique 2012, [S.l.], p. 231-255

MOSCA, João; SELEMANE, Tomás. El Dorado Tete: os mega projetos de mineração. Maputo: CEDIMA, 2011

MUIANGA, Carlos. Investimentos, recursos naturais e desafios para Moçambique. In: CHICHAVA S. Desafios para Moçambique 2019. Maputo: IESE, 2019, pp.147-164.

OFFNER, Jean-Marc. Les «effets structurants» du transport: mythe politique, mystification scientifique. L'Espace Géographique, vol. 22, nº3, 1993, p.233-242

PIQUET, R. Da cana ao petróleo: uma região em mudança. In: PIQUET, R. (Org.). Petróleo, Royalties e Região. Rio de Janeiro: Garamond, 2003. p. 3

SANTOS CUAMBE, Inês Selça dos. Análise da dinâmica sócioambiental em áreas de mineração: um estudo da exploração do carvão mineral em Moatize, Tete -Moçambique. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos, 2016.

SANTOS, M. A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.p.63

SOUTHALL, Roger; MELBER, Henning. A new scramble for Africa? Imperialism, Investment and Development. Scottsville: University of Kwazulu-Natal Press, 2009.